

Tópicos da Linguagem Médica - A Peste Negra

Prof. Dr. Maurício de Andrade Pérez¹

O fim da parte ocidental do império romano (476 D.C.) traz o início da idade média que durou pouco mais de 1.000 anos (1492 D.C.). Com a queda de Roma e seu sistema de governo, houve um grande retrocesso numa Medicina bastante avançada, onde os ensinamentos de grandes médicos gregos como Pitágoras (571-490 A.C.), Empédocles (490-430 A.C.), Hipócrates (460-370 A.C.), Alcmeón (Séc. V A.C.) e médicos também gregos que viveram em Roma, como Araeteus da Capadócia (81-138 A.D.) e Galeno de Pérgamo (129-217(?) A.D.), ficaram perdidos por séculos até sua recuperação (muitas vezes parcial) que cursou junto ao Renascimento científico (Séc. XV e XVI).

A Peste Negra (peste bubônica, causada pela *Yersinia pestis*) foi uma pandemia que provavelmente teve início da Ásia central, China mais precisamente, através das caravanas de comércio que vinham da Ásia pelo Mar Mediterrâneo e aportavam nas cidades costeiras europeias, como Veneza e Gênova.

Antes da famosa pandemia por peste na Europa (1347-1354) uma primeira epidemia foi registrada no império Bizantino (Século VI) matando aproximadamente 40 milhões de indivíduos. Das muitas teorias acerca da origem da peste bubônica que atingiu a Europa durante a idade média, a mais aceita nos fala de rotas comerciais que alcançavam o porto de Kaffa (Feodosia – Ucrânia), em 1346, e que, ao retornar à Itália, esses navios trouxeram a peste que rapidamente se espalhou por toda a Europa matando cerca de um terço da população. A completa falta de higiene, tanto pessoal quanto das habitações (geralmente pequenas e superpovoadas), a grande quantidade de ratos, lixo e fezes nas ruas, o armazenamento de comida nos castelos, e a completa ignorância quanto aos meios de transmissão, permitiram que essa pandemia eliminasse até 10 e 90% da população de uma cidade afetada. Após esse acontecimento, a Europa continuou convivendo endemicamente com a doença por mais 300 anos.

A *Y. pestis* é um cocobacilo gram-negativo aeróbico (MEAD, 2015), sendo que o homem é um hospedeiro acidental que pode ser infectado através da picada de pulgas, contato direto com o tecido ou secreção de animais infectados, ou ainda através de aerossóis. A principal via é através das picadas de pulga (epizootia) quando as pulgas buscam uma fonte alternativa de alimento após a morte dos roedores infectados (*Rattus rattus*). Além disso, outros animais selvagens, como lobos, lebres e coiotes, ou animais domésticos como cachorros e gatos também podem ser transmissores da doença.

Uma vez infectados, os seres humanos podem também realizar uma transmissão pessoa a pessoa, além do contato direto com os gânglios afetados, e pelo contato com pulgas transmissoras.

A peste bubônica mudou a Europa, com a movimentação dos servos, em busca de segurança ou melhores condições de trabalho, morte em grande quantidade da classe dominante.

Atualmente surtos têm sido notificados no nordeste da África, Oriente Médio e Ásia Central, decorrente do consumo de carne não cozida de camelos, cabras, etc.

¹ Professor do curso de medicina da EMSM.

Exercício: O exame de epidemias antigas pode ser um interessante meio de aprofundar temas da clínica médica e/ou infectologia. A partir do relato que se segue, você poderia formular algumas hipóteses diagnósticas?

Peste de Atenas

A peste de Atenas ocorreu em 428 a.C. e foi narrada por Tucídides, em seu livro “A guerra do Peloponeso”. O relato que alcançou os nossos dias será parcialmente exposto abaixo.

“No começo do verão, os Peloponesos e seus aliados invadiram o território da Ática. Firmaram seu campo e dominaram o país. Poucos dias depois, sobreveio aos atenienses uma terrível epidemia, a qual atacou primeiro a cidade de Lemos e outros lugares. Jamais se vira em parte alguma açoitada semelhante, e vítimas tão numerosas; os médicos nada podiam fazer, pois de princípio desconheciam a natureza da enfermidade e além disso foram os primeiros a ter contato com os doentes e morreram em primeiro lugar. A ciência humana mostrou-se incapaz; em vão se elevavam orações nos templos e se dirigiam preces aos oráculos. Finalmente, tudo foi renunciado ante a força da epidemia (...).”

“Em geral, o indivíduo no gozo de perfeita saúde via-se subitamente presa dos seguintes sintomas: sentia em primeiro lugar violenta dor de cabeça; os olhos ficavam vermelhos e inflamados; a língua e a faringe assumiam aspecto sanguinolento; a respiração tornava-se irregular e o hálito fétido. Seguiam-se espirros e rouquidão. Pouco depois a dor se localizava no peito, acompanhada de tosse violenta; quando atingia o estômago, provocava náuseas e vômitos com regurgitação de bile. Quase todos os doentes eram acometidos por crises de soluços e convulsões de intensidade variável de um caso a outro. A pele não se mostrava muito quente ao tato nem também lívida, mas avermelhada e cheia de erupções com o formato de pequenas empolas (pústulas) e feridas. O calor intenso era tão pronunciado que o contato da roupa se tornava intolerável. Os doentes ficavam despídos e somente desejavam atirar-se na água fria, o que muitos faziam...”. “A maior parte morria ao cabo de 7 a 9 dias consumida pelo fogo interior. Nos que ultrapassavam aquele termo, o mal descia aos intestinos, provocando ulcerações acompanhadas de diarreia rebelde que os levava à morte por debilidade (...).”

“A enfermidade desconhecida castigava com tal violência que desconcertava a natureza humana. Os pássaros e os animais carnívoros não tocavam nos cadáveres apesar da infinidade deles que ficavam insepultos. Se algum os tocava caía morto”.

“Nenhum temperamento, robusto ou débil, resistiu à enfermidade. Todos adoeciam, qualquer que fosse o regime adotado. O mais grave era o desespero que se apossava da pessoa ao sentir-se atacado: imediatamente perdia a esperança e, em lugar de resistir, entregava-se inteiramente. Contaminavam-se mutuamente e morriam como rebanhos”.

Durante anos especulou-se que a causa poderia ser a peste bubônica, tifo, varíola ou mesmo gripe. Em 2006 pesquisadores da Universidade de Atenas, ao analisarem dentes recuperados de uma sepultura coletiva da época, confirmaram a presença de bactérias da febre tifoide.

Referências Bibliográficas

MEAD, P. Yersinia Species (Including Plague). Em J. BENNETT, R. DOLIN, & M. BLASER, *Principles and Practice of INFECTIOUS DISEASES* (pp. 2607-2615). Filadélfia: Elsevier. 2015.